



O Falcão: APED-APEDU, a Ave das Aves do Antigo Egito

Luís Manuel de Araújo

L. M. Araújo: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental e Centro de História).

luisaraujo@fl.ul.pt

Recebido: 20 Novembro 2017 / Aceite: 25 Setembro 2018 / Disponível online: 25 Abril 2019

Resumo

Uma das mais conhecidas aves do antigo Egito era sem dúvida o falcão, até porque ele fazia parte da variegada e muito rica iconografia relacionada com a realeza e com o deus Hórus (entre outras divindades solares e celestiais). Não se sabe hoje ao certo qual seria a espécie utilizada na iconografia entre as várias espécies falcónidas existentes no vale do Nilo, mas a hipótese mais plausível é que se trataria do *Falco peregrinus*. A sua imagem aparece amiúde na escrita hieroglífica aludindo ao faraó, ele próprio também um falcão sobre a terra, um Hórus vivo.

Palavras-chave: Falcão egípcio; realeza egípcia; iconografia; Hórus vivo

Abstract

One of the best known birds of ancient Egypt was by far the hawk, because he was part of the variegated and rich iconography related to the royalty and the god Horus (among other solar and celestial deities). It is not known today for sure what are the species used in the iconography of the various existing falconidae species in the Nile Valley, but the most plausible hypothesis could be the *Falco peregrinus*. His image appears frequently in hieroglyphic writing alluding to the Pharaoh, himself a hawk on earth, a living Horus.

Key-words: Egyptian falcon; Egyptian royalty; iconography; living Horus

1. INTRODUÇÃO

O falcão era uma das mais conhecidas aves do antigo Egito, uma ágil e elegante ave de rapina da família dos falconídeos (*Falconidae*), mais estritamente pertencente à vasta família das aves classificadas entre o género *Falco*. Trata-se de uma ave diferente das outras por ter evoluído para uma especialização no voo em grande velocidade, ao contrário do voo planado das águias, dos abutres e dos condores, e do voo acrobático dos gaviões, por exemplo. Essa especificidade está bem patente no falcão, sendo facilitada pelas suas asas pontiagudas e finas, favorecendo a caça em espaços abertos, o que justifica a preferência desta ave pelas paisagens de montanhas com penhascos, pradarias e zonas desérticas, características diversificadas que o Egito possui (Potter e Cottridge, 2007, pp. 41-43; Ogando, 2015, pp. 50-51).

Os antigos Egípcios conheciam várias espécies de falcão, e dentro de um amplo grupo destacou-se o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), uma ave de rapina diurna de médio porte, corpo robusto, pescoço curto e cabeça arredondada,

exibindo grandes olhos negros. A perfeita e rápida locomoção no ar devem-se a diversas adaptações. As asas são longas e pontiagudas, com uma envergadura entre os 80 e os 115 cm, e as patas são estreitas e longas. As penas que revestem o seu corpo têm uma função isoladora e são impermeáveis, apresentando uma cor azul-acinzentada com listas escuras, sendo as das asas rígidas e as restantes bem justas ao corpo. A cabeça do falcão-peregrino exhibe uma coroa preta, tendo a cauda curta com pontas brancas, e a barriga é alva e apresenta várias pintas. Trata-se de uma espécie ornitófaga pois alimenta-se de outras aves mais pequenas, sendo uma das suas preferidas o pombo-da-rocha. Costuma caçar sozinho ou em pares em campos abertos e amplos, aproveitando a surpresa e o desnível para alcançar de rompante as suas presas em voo. Outra espécie é o falcão-tagarote, ou falcão-barbéria (*Falco peregrinus pelegrinoides*), oriundo do Norte de África, considerado por alguns autores como uma subespécie do falcão-peregrino, tendo como habitat as zonas montanhosas áridas e semidesérticas e as falésias junto das zonas costeiras. Nidifica e procria na região sul do Médio Oriente, incluindo o

Egito (Acúrsio, 2001, p. 362; Potter e Cottridge, 2007, p. 43; Ogando, 2015, p. 51).

Destacam-se também entre as aves do antigo Egito outras espécies de falcão como o *Falco tinnunculus* e o *Falco naumanni*, que são falcões-peneireiros. O primeiro é um falcão de dimensões médias, com bico curto e curvo, asas e cauda comprida. A cabeça é acinzentada, o dorso e as coberturas da face superior das asas são, em geral, de cor castanha avermelhada e listada, contrastando com as penas de voo mais escuras. Há ainda o *Falco naumanni*, também conhecido como peneireiro-das-torres ou francelho, apresentando algumas semelhanças com a espécie *Falco tinnunculus*. O macho tem a cabeça com tonalidades cinza-azuladas, exibindo na parte superior das asas e na cauda tonalidades azul-acinzentadas, sendo o dorso castanho e o peito bege ornado com pintas pretas. É uma ave migratória e um dos locais de passagem é precisamente o Egito, embora seja relativamente reduzido o número aí residente. Habita em paredes e muros, onde aproveita as cavidades para nidificar. O *Falco tinnunculus* e o *Falco naumanni*, são duas das espécies que representam em papiro, em baixos-relevos, na pintura e na estatuária as conhecidas deusas Ísis e Néftis, irmãos de Osíris. Segundo Maria José López Grande, a identificação das deusas Ísis e Néftis com as duas aves de rapina referidas poderá ter a ver com o facto de estas, quando voam, emitirem sons agudos característicos, que eram associados pelos antigos Egípcios aos pungentes gemidos de desespero com que, segundo o mito, as duas divindades manifestariam a sua dor pela perda do seu irmão, morto às mãos do caviloso e malvado Set (Ogando, 2015, pp. 51-52; López Grande, 2003, pp. 30-32; Sales, 1999, pp. 134-143 e 160-161).

O *Falco subbuteo* é um pequeno falcão, de tons escuros, cauda longa e asas longas e muito pontiagudas. As partes superiores das asas e do dorso são cor de ardósia, ao passo que as partes inferiores são claras. O peito é riscado e no ventre tem uma mancha avermelhada que apenas é visível a pequena distância, sendo as coxas também da mesma coloração. A face é branca e apresenta um bigode preto que faz lembrar o padrão do falcão-peregrino. Tem um voo rápido, em especial quando se encontra na caça aos insetos, dos quais se alimenta. É uma ave migradora, ocorrendo com frequência no Médio Oriente e com reprodução em regiões do Mediterrâneo Oriental, passando amiúde pelo Egito, embora atualmente não abunde no vale do Nilo. Acrescente-se ainda o *Falco biarmicus*, conhecido como falcão-lanário, podendo ainda ser designado pelas formas mais especializadas de alfanegue ou borni, o qual escolhe como habitats os campos, savanas e desertos da Europa, África e Médio Oriente. Apresenta muitas semelhanças com o *Falco pelegrinoides*, mas é maior em tamanho, tem asas longas e menos afiladas e cauda maior. Para se reproduzir, espalha-se pelo Médio Oriente, incluindo certas áreas do Egito (Potter e Cottridge, 2007, pp. 42-43; Ogando, 2015, pp. 52-53).

Esta grande ave, acima sumariamente descrita na sua variedade, aparece representada com frequência na iconografia e na escrita hieroglífica do antigo Egito, e na copiosa lista de signos proposta por Alan Gardiner o falcão surge com formas diversas que vão desde o signo G 5, o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), até ao signo G 13 (Gardiner, 1957, pp. 467-468).



O primeiro signo do grupo acima mostrado (G5) é o mais

comum, quer como corrente signo de escrita quer como elemento que marca incontornável presença nas representações do deus Hórus, dado que o falcão, em egípcio *bak* (bik), era o animal sagrado desta divindade celestial (Sales, 1999, pp. 162-171). Detetam-se algumas variantes, como a imagem que está em segundo lugar com um cetro *nekhakha* partindo do dorso da ave (G6), acentuando o seu carácter sagrado, sendo as duas seguintes formas (G9 e G9A) alusões ao deus Ré, o qual era figurado com um corpo humano exibindo uma cabeça de falcão ou como um falcão, como se vê no exemplo acima, tendo sobre a cabeça o disco solar (a terceira) ou o disco envolvido por uma serpente (a quarta). Esta última forma hieroglífica e iconográfica era também utilizada para representar a divindade sincrética Ré-Horakhti (o sincretismo de Ré mais a divindade Hórus do Horizonte). O falcão servia também para identificar Montu, o deus da guerra, entre outras divindades (Sales, 1999, pp. 206-209).

Outros signos hieroglíficos falcónidas são a figuração da ave divina do deus Hórus em cima de um poleiro (G 7, com as variantes G7C e G7D), habitualmente usados para escrever a palavra rei (*nesu*) ou, quando esta surge expressa, rematando-a como determinativo, porque o rei do Egito era considerado um Hórus vivo sobre a terra (Gardiner, 1957, p. 468).



O falcão pode ainda aparecer sobre uma barca com a proa e a popa erguidas (signos G7A e G7B), atestando o culto a uma divindade muito antiga, Anti, sobretudo no Sul, e em especial na 12ª província do Alto Egito. Note-se que a segunda representação mostra a barca sobre uma peanha, podendo neste caso também aludir a uma barca processional, transportada aos ombros dos sacerdotes de Anti em ocasiões festivas. Outra variante, mais tardia, coloca o falcão sobre o signo *sepat*, que significa província, talvez a demonstrar o domínio de Hórus sobre a terra (G7E, que não consta na lista de Gardiner). A não ser que se trate de uma alusão à 3ª província do Baixo Egito (no Delta Ocidental) cuja sede era Imau, onde era cultuada a deusa Hathor, mas neste caso a iconografia seria mais completa, com o falcão postado sobre um poleiro e este, por sua vez, sobre o signo reticulado de província, ainda com o detalhe de o falcão ter uma pluma à sua frente (Sales, 1999, p. 433).



A imagem do falcão pode também figurar sobre o signo que significa ouro (*nebu* ou *nub*), ganhando notória expressividade quando entra na composição da titulação real como terceiro nome do rei, evocando a vitória de Hórus, visto como um falcão dourado (Gardiner, 1957, p. 468). São conhecidas três modalidades gráficas:



Um caso especial e mais complexo é a representação do deus Sokar numa barca com vários remos e com outros elementos decorativos, a qual está sobre o signo *sepat* de província ou sobre uma peanha. Trata-se da barca sagrada *henu*, onde o deus viajava pelo céu, e neste caso o falcão sobre a cabina da embarcação alude a Sokar, uma antiga divindade de timbre funerário, também figurada com corpo humano e cabeça de falcão, especialmente cultuada em Mênfis e na sua necrópole

Sakara, aparecendo por vezes num sincretismo com Ptah, e até com Osíris, formando a tríplice divindade Ptah-Sokar-Osíris, representada com uma bela estatueta de madeira na sala egípcia do Museu Nacional de Arqueologia (Araújo, 1993, pp. 239-243). O signo G10 serve também como determinativo do nome do deus Sokar (Gardiner, 1957, p. 468; Sales, pp. 346-350).



G10

Outros hieróglifos identificativos do falcão são uma sua imagem mais arcaica (signo G 11), mostrando um falcão deitado, ou a representação igualmente muito antiga da ave sagrada com o cetro *nekhakha* (que também consta no signo 7B no dorso do falcão), podendo ambas aludir ao deus Sokar ou servir como determinativo da palavra *achem* (também como *akhem*), com o significado de «imagem divina». O signo do falcão deitado pode ainda exibir duas altas plumas sobre a cabeça, e neste caso representa Hórus de Nekhen (Hieracômpolis), ou Nekheni (isto é, o de Nekhen), servindo ainda como determinativo no nome do deus Sopedu, venerado perto de Uadi Tumulat, no Delta Oriental (Sales, 1999, pp. 172-173).



G11

G12

G13

G13A

2. O FALCÃO NA ICONOGRAFIA RELIGIOSA

O falcão era associado ao deus Hórus, sendo este retratado como um homem com cabeça de falcão, ou com um aspeto falconiforme. Algumas estátuas representativas de monarcas apresentam um preponderante falcão posicionado atrás do pescoço do soberano, com as suas asas abertas em torno da cabeça em atitude protetora, sendo a mais expressiva a que foi feita para o rei Khafré, da IV dinastia, para quem foi construída a segunda pirâmide do planalto de Guiza. A leitura de carácter semiótico e profílatóico é, à boa maneira egípcia, multimoda e enriquecedora quanto à mensagem que dela ressalta: afinal o deus Hórus, em forma de falcão, protege o rei do Egito e senhor das Duas Terras, o qual é também um Hórus vivo sobre a terra. O modelo continuou a merecer a preferência de iconógrafos e escultores como um expoente da realeza egípcia, e um bom exemplo será a estátua de calcário feita para o rei Neferefré, da V dinastia (Bongioanni e Croce, 2001, pp. 54 e 68). Já no Império Novo, o famoso Ramsés II fez-se representar como uma criança sob a proteção de uma grande imagem falcónica, embora, neste caso, não se trate do deus Hórus mas sim da pouco conhecida divindade cananaica Horun (Bongioanni e Croce, 2001, p. 107; Corteggiani, 2007, pp. 215-218).

Quando o falcão aparecia figurado com o disco solar na cabeça aludia ao deus Ré ou à divindade sincrética Ré-Horakhti, uma manifestação do sol que nasce e se põe no horizonte, o astro poderoso e flamejante, podendo ainda ser utilizado como imagem do deus Montu, ligado à guerra, como antes já vimos com os exemplos hieroglíficos apresentados (Ogando, 2015, p. 108). Mas são conhecidas imagens de falcões ou outras aves de rapina como os milhafres para evocarem divindades femininas, como ocorre com as deusas Ísis e Néftis, que nos «Textos das Pirâmides» são classificadas como falcões ou milhafres quando se faz alusão à sua viagem pelo vale do Nilo em busca dos pedaços de Osíris, assassinado e despedaçado pelo seu invejoso e virulento irmão Set. E é ainda na figura

de um falcão que a deusa Ísis aparece sobre o corpo de Osíris, batendo as asas com vigor para insuflar no seu irmão e marido prostrado a energia mágica que vai ser necessária para lhe transmitir o sopro da vida – e vai resultar, porque deste tão espantoso gesto nascerá o deus Hórus, filho póstumo de Osíris (López Grande, 2003, p. 30; Araújo, 2017, pp. 171-176).

A adoção da figura do falcão como hipostase do deus Hórus acompanhará a história do Egito ao longo de mais três mil anos, como bem testemunham as imagens de baixos-relevos e da estatuária, a que se juntam as imagens literárias descrevendo o poderoso e invencível faraó como um falcão: é assim que o vemos a tomar o poder (foi como um falcão que Senuseret I, então numa campanha na fronteira oriental, «voou» para a corte após a morte dramática de seu pai Amenemhat I), ou nas lides da guerra patentes na hinologia do Império Médio e do Império Novo (de Senuseret III a Tutmés III e Ramsés II), seguindo, de resto, o exemplo das divindades que se apresentavam como falcões. Um exemplo, entre muitos, poderá ser o hino que um sacerdote compôs para Ré-Horakhti, enaltecendo esta divindade solar na sua imagem sublime de falcão resplandecente (Barucq e Daumas, 1980, p. 285):

«Ah, como tu és perfeito, Ré-Horakhti!
Falcão augusto, de plumagem brilhante,
Ave de rapina de cores múltiplas!»

A joalharia do antigo Egito, especialmente a que com grande requinte foi feita para os reis e que depois seria colocada nos túmulos, não podia dispensar a convincente representação do falcão, até porque as cores da plumagem inspiravam os artistas para a produção de peças e elementos decorativos com notável riqueza cromática. Os melhores exemplos colhem-se nos espólios que datam do Império Médio e do Império Novo que escaparam aos saques a que os túmulos reais foram sujeitos. Hoje podem ser admirados no Museu Egípcio do Cairo colares e outros adornos onde a preponderante ave real e as cabeças de falcão compõem os encaixes e as terminações das peças, sendo porventura as mais conhecidas aquelas que foram achadas no túmulo de Tutankhamon (Bongioanni e Croce, 2001, pp. 316-318, 340, 347, 360-361). Note-se, entretanto, que além do falcão também o milhafre surge como elemento identificador de algumas divindades.

Na vistosa decoração tumular do funcionário Sennedjem, em Deir el-Medina (XIX dinastia), podemos identificar estas características nas duas aves de rapina que ilustram o capítulo 17 do «Livro dos Mortos», cada uma com os signos hieroglíficos correspondentes à divindade que representam, numa clara adaptação deste conhecido tema que também está em alguns papiros contendo os capítulos do «Livro dos Mortos», sendo o melhor exemplo o belo *Papiro de Ani* (Allen, 1974, pp. 26-32; Barguet, 1968, p. 58; Faulkner, 1985, p. 46). Encontramos também o mesmo tipo de representação das deusas em imagens de alguns túmulos faraónicos abertos no Vale dos Reis, como se pode ver na decoração do teto do corredor descendente do túmulo do faraó Siptah (XIX dinastia), onde, sob a forma de falcões, se encontra Ísis, do lado esquerdo, e Néftis, do lado direito, flanqueando uma imagem alada do deus Ré, o qual aparece como uma ave com cabeça de carneiro com a qual o defunto se identifica (López Grande, 2003, pp. 30-31; Ogando, 2015, p. 109). Conhecemos mais imagens deste género em várias sepulturas do chamado «Vale dos Nobres», em Lucsor Ocidental, e ainda no vizinho Vale das Rainhas, onde foram

também inumados alguns príncipes que não chegaram a reinar, com destaque para o do príncipe Amen-herkhophechef.

O falcão, revestido de sacralidade, está presente em diversos textos funerários legados pelo antigo Egito, e um bom exemplo será o «Livro dos Mortos», onde, além do capítulo 17 (com o qual se iniciam as preces e recitações da saída e regresso ao reino dos mortos) acima mencionado, a nobre ave de rapina se deteta no capítulo 136B (o qual contém a fórmula para navegar na barca de Ré e para passar no círculo de fogo), onde se alude ao falcão de Osíris, o qual volta a surgir no capítulo 147 (que apresenta as sete portas da Duat, o outro mundo), no capítulo 164 (com a fórmula para impedir que o corpo do defunto pereça no reino dos mortos) onde o defunto terá um falcão ao seu lado para o proteger, e ainda no capítulo 172 (quando se iniciam as fórmulas para a transfiguração do defunto), sendo ali mencionadas as palavras que saem da boca do osirificado, apto para fruir a eternidade, como o som emitido por um falcão (Allen, 1974, pp. 112, 138, 161, 179; Barguet, 1968, pp. 179, 204, 237, 255).

A importância do falcão como animal sagrado de Hórus, mas também de outras divindades de timbre celestial, ficou também bem atestada pelos cuidados postos na mumificação dessa ave, como se pode testemunhar pelos achados de grandes quantidades de vasos de cerâmica com múmias de falcão. Numa necrópole para animais sagrados em Sakara, encontrou-se, de ambos os lados de um grande corredor, várias câmaras abertas na rocha contendo vasos de cerâmica com forma alongada, dispostos em filas e empilhados. Os falcões mumificados eram ofertas piedosas feitas por crentes de Hórus que visitaram o templo, antes existente sobre as galerias da necrópole, e que queriam honrar o deus e obter os seus favores, oferecendo-lhe falcões mumificados. Um ritual semelhante ocorria com os veneradores de Tot, ofertando múmias de íbis dentro de vasos cerâmicos, e com os fiéis da meiga deusa Bastet, neste caso recorrendo a múmias de gatos (Ogando, 2015, pp. 109-110).

A observação dos despojos de muitas das aves encontradas permitiu concluir que elas tinham sido cuidadosamente embalsamadas e envolvidas em tiras de linho, apresentando as feições da cabeça pintadas e um bico falso feito com algodão de forma a que a espécie fosse reconhecível. No entanto, outras receberam um tratamento pouco elaborado, estando enfiadas em sacos de serapilheira, embebidos numa substância semelhante ao alcatrão e entrecruzados com fios, tendo sido detetados vasos que apenas continham restos de ossos de aves reunidos ao acaso – e assim se enganavam os crentes, os quais pagavam os piedosos despojos como se fossem de múmias perfeitas de falcões hóricos quando afinal não passava de um embuste. A explicação mais plausível para tão ímpio desacato estará no facto de os sacerdotes do templo, onde as múmias eram preparadas, para fazerem face a uma crescente procura destes animais pelos devotos, criavam, matavam, mumificavam e vendiam depois as aves, ou partes delas, a uma crescente clientela que urgia satisfazer, com evidente lucro para o templo. Os trabalhos de investigação levados a cabo no âmbito do «Lisbon Mummy Project», mostraram que uma múmia enfaixada de falcão (*Falco peregrinus?* *Falco tinnunculus?*), do Museu Nacional de Arqueologia está relativamente bem preservada, e data provavelmente da primeira metade do período romano (30 a. C.-final do século II). As faixas de linho e as finas camadas mais densas de resina, aplicadas intercaladamente, estão bem identificadas. Veem-se também, e

ainda com excelente definição, as penas e o esqueleto da asa, sobressaindo na região cervical uma massa densa, provável de argila, que reforça a pose estirada de embalsamamento que foi então dada ao pescoço da ave. No interior torácico-abdominal identifica-se o coração, o qual se mantém bem preservado, e parte do diafragma, sem outras vísceras perceptíveis.

Esta poderosa ave de rapina apareceu ainda na representação de um dos três princípios espirituais ligados ao homem e que constituíam a totalidade do seu ser. Na verdade os antigos Egípcios julgavam que o homem se robustecia fisicamente e espiritualmente graças a possuir um *ka*, um *ba* e um *akh* (este último elemento adquirido apenas quando atingisse o Além). O *ka* poderá ser definido como a força vital e sexual do indivíduo, capaz de se manter dinâmico pela eternidade, enfim, um ser intangível, uma criação espiritual e psíquica feita à imagem e à semelhança do corpo e possuindo todas as necessidades deste. Quanto ao *ba*, ele era em geral representado por uma ave pernalta, o jabiru, mas por vezes, a partir do Império Novo, passou a ser uma ave com cabeça humana, que tanto podia exibir o corpo de um jabiru como de um falcão, conferindo ao defunto a capacidade de movimento. No Império Antigo, o tempo das pirâmides, só os deuses e o faraó podiam ter um *ba* como manifestação de poder, e a partir do Primeiro Período Intermediário, devido às ocorrências político-sociais dessa instável época, todos o poderiam ter, como bem refletem os «Textos dos Sarcófagos» e, mais tarde, o «Livro dos Mortos». O *ba* representava a consciência do indivíduo que inculcava uma vida de acordo com as normas da *maet*, praticando o bem e a solidariedade, sendo justo, tolerante e sensato, para que o Além ficasse garantido (Sousa, 2012, pp. 38-55).

3. IMAGENS FALCÓNIDAS EM COLEÇÕES PORTUGUESAS

Data de remotos tempos pré-históricos uma bela paleta zoomórfica de ardósia presente na coleção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia composta pelos corpos geminados de dois falcões, virados um para o outro (Araújo, 1993, pp. 91-92). Neste acervo egiptológico, que é o maior do nosso país, está exposta uma múmia de um falcão, datada da Época Baixa, estando a ave embalsamada na posição vertical e tendo sido provavelmente uma oferenda votiva (Araújo, 1993, p. 319).

Ainda no Museu Nacional de Arqueologia, num dos variados registos da decoração do sarcófago antropomórfico do sacerdote Irtieru estão representadas diversas divindades masculinas, destacando-se Hórus e o seu filho Kebehsenuf, hieracocéfalos e identificados pelos seus nomes hieroglíficos. No meio do sarcófago está um grande falcão com um disco solar alado sobre a cabeça, e as asas abertas em sinal de proteção, segurando o profilático signo *chen* nas patas, podendo ainda ser observadas algumas divindades aladas, posicionadas lateralmente, com as asas estendidas sobre a frente do ataúde, encontrando-se em cima, à esquerda, Ísis, e à direita, Nêftis, ambas em forma antropomórfica e também falconiforme, estando os falcões que a elas aludem assentes sobre o signo hieroglífico *nub* (ouro). Nestas duas formas de representação as duas deusas são reconhecíveis pelos respetivos signos hieroglíficos ao lado. No sarcófago de Pabasa, de uma época mais recente que o de Irtieru, podemos ver, num dos temas decorativos, uma imagem do deus Hórus coberto por uma pele

de leopardo, identificado por uma legenda hieroglífica ao lado como sendo o Hórus Vingador (Hornedjeti). Mais abaixo, está o deus Ré-Horakhti, ali designado como senhor do céu, com os atributos da realeza, e sentado perante um altar recheado de oferendas. Numa cena alusiva ao tribunal de Osíris, Hórus está figurado a verificar o fiel da balança. O motivo principal do quarto registo é um esquife com o ataúde do defunto, o qual está sob os cuidados atentos de Hórus, estando à cabeça e aos pés Ísis e Néftis. O último registo mostra-nos um falcão numa pose sokárica (semelhante ao signo G11 acima apresentado), ladeado por inscrições e por pássaros *ba*. Na mesma coleção museológica há ainda uma múmia sem sarcófago, feita para uma personagem chamada Horskhet, em cuja decoração, de ambos os lados de um texto central e vertical, estão divindades com inscrições laterais que as identificam, figurando do lado esquerdo Kebehsenuf com a sua tradicional cabeça de falcão (Araújo, 1993, pp. 295-308).

Também na ornamentação de uma máscara funerária, confeccionada com linho e gesso pintado, datada do período ptolemaico, veem-se duas cabeças de falcão coroado, uma de cada lado, no remate de um vistoso colar. Uma vez que as figuras se encontram numa pose deitada, correspondem ao signo hieroglífico que tem a leitura de *achem* (que significa divino), além de aludirem a Hórus e a Sokar. Um falcão hórico de faiança esverdeada, com as asas recolhidas e cuja coroa está muito desgastada, faz parte também da coleção. Na base de um escaravelho de marfim está representada uma figura sentada hieracocéfala, alusiva a Ré ou Ré-Horakhti, e a figura do falcão hórico pode ser apreciada na base de um escaravelho sinete. Nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia estão dois amuletos de faiança que representam falcões, um deles com coroa, e ainda um falcão hórico de pedra, que se encontra fragmentado (Araújo, 1993, pp. 278 e 305). No mesmo acervo destaca-se a estela funerária de Iru, do Império Novo ou da Época Baixa, a qual apresenta, na decoração do registo central, uma figura mumiforme com cabeça de falcão encimada por um disco solar vermelho escuro, segurando um longo cetro *uase* (prosperidade). Provavelmente representa a divindade sincrética Ptah-Sokar-Osiris, cujo principal centro de culto era Mênfis (Araújo, 1993, pp. 150-151).

Na coleção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian está exposta, logo na primeira sala de um longo e aliciente circuito expositivo, uma interessante peça de bronze, designada como «Barca Solar de Djedhor», cuja cabina central tem a forma de um santuário, tendo no interior a imagem do deus sincrético hieracocéfalo Ré-Horakhti, que também figura na decoração que foi gravada do lado direito da cabina da barca. No topo desta sobressai um falcão hórico, em pose vigilante, exibindo a dupla coroa do Alto e do Baixo Egito (Araújo, 2015, pp. 132-133; Ogando, 2015, p. 150).

A interessante coleção egípcia exposta no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto mostra uma estatueta de Ptah-Sokar-Osiris de madeira sobre uma caixa retangular com inscrições, a qual serviria, possivelmente, para guardar um papiro inscrito. A divindade sincrética ostenta uma cornamenta retorcida que se prolonga para os lados, já não sendo visíveis o disco solar e a pluma que costumam acompanhar a sua iconografia habitual. A figura de triplo sincretismo exhibe um colar *usekh*, com muitas voltas e remates em forma de cabeça de falcão e na parte frontal do corpo e nas

costas destacam-se inscrições hieroglíficas. As três divindades sincretizadas nesta estatueta expressam, no fundo, o ciclo da vida dos seres humanos, pois Ptah está ligado à criação e ao nascimento, Sokar (representado habitualmente com cabeça de falcão) é um deus funerário, protetor da necrópole menfita estando associado à morte, e Osíris era o deus do renascimento e da vida eterna. Os textos do recipiente e da sua tampa dizem-nos que o nome do defunto, para cujo culto funerário se executou esta peça, era Padiamon (Araújo, 2011, pp. 189-192). Merece ainda destaque um vaso de vísceras de pedra cuja tampa tem o formato de cabeça de falcão, a qual tinha a função de guardar os intestinos do defunto, sendo Kebehsenuf a divindade representada pela cabeça da ave (Araújo, 2011, pp. 204-205). Mais importante é o sarcófago feito para um homem chamado Pakharu, que tem no primeiro registo decorativo abaixo da cabeça, junto a uma deusa alada com asas abertas (a qual poderá ser identificada com Ísis), os quatro filhos de Hórus, entre os quais Kebehsenuf com a sua cabeça falcónida. No segundo registo, veem-se várias figuras a olhar para a direita, destacando-se duas figuras mumiformes com cabeça de falcão, uma a segurar a pena maética, e a outra ostentando um disco solar vermelho na cabeça. A balança do julgamento do coração do defunto também se encontra retratada, e em baixo desta, segurando os seus pratos, além de Anúbis, está Ré com cabeça de falcão. No terceiro registo vê-se uma figura entronizada com cabeça de falcão que ostenta um disco solar vermelho com serpente sagrada sobre a cabeleira azul, tendo nas mãos os dois cetos faraónicos, parecendo identificar-se, pela inscrição pouco nítida, com Ré-Horakhti, vendo-se noutra cena o defunto em pose de veneração perante esta divindade. No quarto registo o tema central é o totem de Abido, separando figuras de um lado e do outro, vendo-se do lado esquerdo uma personagem mumiforme com cabeça de falcão (Araújo, 2011, pp. 194-198; Ogando, 2015, pp. 151-152).

Na decoração frontal do belo sarcófago da dama Irtierut, exposto no Museu da Farmácia, em Lisboa, realça-se um grande colar floral que é rematado em cada extremidade por cabeças de falcão solarizadas. Mais abaixo, sob o leito onde se encontra figurado o ataúde da defunta, estão os quatro vasos de vísceras com tampas correspondentes aos quatro filhos de Hórus, e lá está Kebehsenuf com a sua cabeça de falcão. Na parte da frente do sarcófago, retratadas em pequenas capelas, figuram várias divindades, entre elas Kebehsenuf, Hórus e Ré-Horakhti. Também estão presentes, na ornamentação interna de um fragmento do sarcófago da dama Nesimut, três divindades mumiformes exibindo colares florais, viradas para a esquerda, sendo de realçar a do meio, com cabeça de falcão. Ainda neste acervo, numa das faces de uma caixa de madeira pintada para guardar um vaso de vísceras, pode-se ver Hórus de um dos lados de um pilar *djed*, e, numa estela mágica de Hórus Criança, feita de pedra, destaca-se um falcão alusivo ao deus celestial, gravado no topo (Basso e Araújo, 2008, p. 171).

Quando o governo republicano confiscou os bens da casa real portuguesa, em 1910, a coleção egípcia reunida pela rainha D. Amélia manteve-se dispersa por vários espaços até dar entrada no Museu Nacional de Arqueologia, em meados do século passado, ao contrário dos objetos artísticos e arqueológicos reunidos pelo rei D. Luís, que ficaram na posse da Casa de Bragança, sediada em Vila Viçosa. É este facto que explica a presença de um vaso de vísceras de travertino, com tampa em forma de cabeça de falcão, no acervo egípcio

do Palácio-Museu de Vila Viçosa, representando a divindade tutelar Kebehsenuf, filho de Hórus, que protegia os intestinos do defunto, com a particularidade de, neste exemplar, ter insolitamente orelhas com forma humana. Este deus benfazejo aparece ainda retratado, entre outras divindades de âmbito funerário, num pequeno fragmento de sarcófago em linho, existente na mesma coleção (Lopes e Araújo, 1992, pp. 20-22).

No acervo do Solar Condes de Resende, em Canelas (Vila Nova de Gaia) podemos ver uma estatueta de pedra de um falcão com asas recolhidas que compõe um amuleto, tendo um anel de suspensão atrás. Este espaço museológico exhibe também um falcão de madeira, numa pose sokárica, isto é, numa posição deitada, cuja parte superior do corpo é azul, salpicada de pontos vermelhos, o peito é branco, e tem sobre a cabeça uma mancha vermelha. A peça seria, provavelmente, um elemento decorativo integrado num conjunto votivo, ou então pertencente a mobiliário fúnebre (Araújo, 1995, pp. 20-21; Ogando, 2015, p. 150).

A imagem de um falcão solarizado ornamenta as partes laterais do sarcófago de uma dama egípcia anónima, presente no Museu Arqueológico do Carmo, a qual apresenta uma simetria iconográfica de ambos os lados, destacando-se, na tábua superior mais larga, a imagem duma cabeça de falcão solarizado junto ao olho do deus Hórus, o profilático *udjat*, estando a cabeça virada de frente para uma serpente conhecida pelo nome de Uroboros. O grande ofídio está pintado na tábua de baixo, sendo visto como propiciador de amparo para os defuntos, e por isso aparece com frequência em materiais funerários da Época Greco-romana, evocando uma iconografia mais antiga da serpente envolvente que engole a sua própria cauda (Araújo, 2005, pp. 540-541; Corteggiani, 2007, pp. 419-420). Outra pequena coleção privada está exposta no Museu do Caramulo, sendo de referir um colar composto por tubinhos com vários tons e feito de diferentes materiais, como pérolas de cornalina e peças de faiança verde escura, entre os quais se realça um amuleto figurativo de uma figura hieracocéfala entronizada e ostentando uma coroa dupla (Araújo, 2001, p. 56; Ogando, 2015, p. 151).

Também em acervos particulares de objetos egípcios existentes em Portugal se deteta a presença de falcões, como se verifica na coleção Miguel Barbosa, que possui uma cabeça de falcão de bronze, com pátina castanha esverdeada em algumas partes, a qual certamente faria parte de uma escultura representativa do falcão do deus Hórus e na coleção Sam Levy existe um amuleto de faiança verde de um falcão com as asas recolhidas (Araújo, 1998-1999, p. 77; Araújo, 2002, p. 40; Ogando, 2015, pp. 150-151).

4. REFERÊNCIAS

- ACÚRSIO, M. K. (2001), "Falcão", *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, p. 362.
- ALLEN, T. G. (1974), *The Book of the Dead or Going Forth by Day*, Studies in Ancient Oriental Civilization, 37, Chicago: The University of Chicago Press.
- ARAÚJO, L. M. (1993), *Antiguidades Egípcias*, I, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: Instituto Português de Museus.
- ARAÚJO, L. M. (1995), *O núcleo egípcio da coleção Marciano Azuaga*, Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Sector de Ação Cultural.
- ARAÚJO, L. M. (1998-1999), "O núcleo egípcio da coleção Miguel Barbosa", *Cadmo*, 8-9, Lisboa: Edições Colibri, pp. 69-106.
- ARAÚJO, L. M. (2001), "A coleção egípcia do Museu do Caramulo", *Cadmo*, 11, Lisboa: Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 55-63.
- ARAÚJO, L. M. (2002), "O núcleo egípcio da coleção Sam Levy", *Artis*, 1, Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 31-56.
- ARAÚJO, L. M. (2005), "O sarcófago e a múmia egípcia", *Museu Arqueológico do Carmo. Roteiro da Exposição Permanente*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 534-545.
- ARAÚJO, L. M. (2011), *A Coleção Egípcia do Museu de História Natural da Universidade do Porto*, Porto: Universidade do Porto.
- ARAÚJO, L. M. (2015), *Arte Egípcia*, Coleção Calouste Gulbenkian, 2.ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ARAÚJO, L. M. (2015), "Estudo das múmias egípcias do Museu Nacional de Arqueologia: The Lisbon Mummy Project", in *Ex Aegypto lux et sapientia. Homenage al Professor Josep Padró Parcerisa*, Nova Studia Aegyptiaca, IX, Barcelona: Universitat de Barcelona, Generalitat de Catalunya, Societat Catalana d'Egiptologia, pp. 81-90.
- ARAÚJO, L. M. (2017), *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, Lisboa: Clássica Editora.
- BARGUET, P. (1968), *Le Livre des Morts des Anciens Égyptiens*, Col. LAPO, 1, Paris: Les Éditions du Cerf.
- BARUCQ, A. e DAUMAS, F. (1980), *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, Col. LAPO, 10, Paris: Les Éditions du Cerf.
- BASSO, P. e ARAÚJO, L. M. (2008), *A Farmácia no Mundo Pré-clássico e nas Culturas Tradicionais*, Lisboa: Associação Nacional das Farmácias.
- BONGIOANNI, A. e CROCE, M. S. (eds.) (2001), *The Illustrated Guide to the Egyptian Museum in Cairo*, Cairo: The American University in Cairo Press.
- BRUUN, B. e EL-DIN, S. (1994), *Common Birds of Egypt*, Cairo: American University in Cairo Press.
- CORTEGGIANI, J. P. (2007), *L'Égypte Ancienne et ses Dieux. Dictionnaire illustré*, Paris: Librairie Arthème Fayard.
- FAULKNER, R. (1985), *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, Londres: British Museum Publications.
- GARDINER, A. (1957), *Egyptian Grammar*, 3.ª ed., Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum.
- LOPES, H. T. e ARAÚJO, L. M. (1992), "A coleção egípcia do rei D. Luís", *Hathor: Estudos de Egiptologia*, 4, Lisboa: Edições Cosmos, pp. 17-28.
- LÓPEZ GRANDE, M. J. (2003), *Damas Aladas del Antiguo Egipto. Estudio iconográfico de una prerrogativa divina*, Barcelona: Museu Egípcio de Barcelona, Fundació Arqueològica Clos.
- OGANDO, C. P. (2015), *A Fauna Sagrada do Antigo Egipto*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PORTER, R. e COTTRIDGE, D. (2007), *A Photographic Guide to Birds of Egypt and the Middle East*, Londres: New Holland Publ.
- SALES, J. C. (1999), *As Divindades do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Estampa.
- SOUSA, R. (2009), *Iniciação e Mistério no Antigo Egipto*, Lisboa: Ésquilo.
- SOUSA, R. (2012), *Em busca da Imortalidade no Antigo Egipto*, Lisboa: Ésquilo.
- YOYOTTE, J. (1970), "Flore et faune", in Posener G. (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris: Fernand Hazan, pp. 12-14.